

# Estudos estratégicos em informação: Releitura de uma experiência na EB/UFMG

Anna da Soledade Vieira<sup>1</sup>

*Reflexão sobre a experiência da Escola de Biblioteconomia (hoje Escola de Ciência da Informação) – EB/UFMG -, em gestão estratégica da informação, passa pela identificação dos fatores causais do sucesso de tais empreendimentos, dentro da EB/UFMG (curso de GRI, Núcleo de Capacitação, criação de área de concentração específica no Mestrado e de disciplina na Graduação) e sua repercussão em outros ambientes profissionais da área de informação no Brasil.*

**E**m setembro de 1990, a Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG dedica seu fascículo 2 do v. 19 ao registro da experiência de criação do Curso de Gerência de Recursos Informacionais – GRI, que tivera início em março daquele ano, sob a Coordenação da Pós-Graduação da mesma Escola (EB/UFMG). Aspectos fatuais e conceituais estão ali documentados, dispensando-me recontá-los. Entretanto, os dez anos de distanciamento daquele momento propiciam a reorganização de idéias e emoções, permitindo uma releitura participante, se assim se pode denominar o depoimento de um ator-autor sobre determinada situação intensamente vivida por ele.

## **Análise da experiência**

O que se segue é um dos muitos recortes possíveis de uma significativa página da história de pioneirismo da EB/UFMG e que só se viabilizou pela confluência de muitos fatores, a seguir resgatados com o olhar de hoje.

### **a) Força contínua de renovação da profissão**

A busca pelas novas tendências no ensino das tecnologias da informação, durante residência de pós-doutoramento (EUA, 1987-88), levou-me a perceber que estava em andamento um forte movimento de valorização da abordagem estratégica à informação (*gestão estratégica da informação ou gerência de recursos informacionais*). Os últimos desenvolvimentos dos estudos acadêmicos internacionais sobre informação (vertentes americana e britânica) privilegiavam a perspectiva estratégica da mesma e a sua função administrativa, dentro de um contexto multidisciplinar, sendo a tecnologia uma facilitadora dos processos de gestão e inteligência.

No Brasil, as escolas e cursos de biblioteconomia, tendo esgotado a chamada fase tecnicista, vivenciavam o outro extremo, dito social, da *curvatura da vara*,

<sup>1</sup> Consultora - soledade@iname.com





### **c) Trabalho coletivo e partilhamento**

Se a inspiração inicial partiu de uma experiência individual, tudo mais foi uma construção coletiva. A Diretoria da EB/UFMG criou uma equipe, integrada pelos professores Isis Paim, Bernadete Santos Campello, Ricardo Rodrigues Barbosa e Anna da Soledade Vieira, com o encargo de idealizar e planejar o Curso. Essa equipe recebeu significativo apoio e colaboração de professores da EB/UFMG e de outros departamentos da UFMG, bem como de especialistas atuantes em diferentes organizações. Essa estreita colaboração funcionou na definição do modelo inicial, na escolha dos conteúdos programáticos e cronogramas, na implementação e avaliação do Curso, bem como na produção do mencionado número da *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*.

Dentre as parcerias estabelecidas formal ou informalmente, na fase inicial, devem ser destacadas:

- no âmbito da UFMG, a Faculdade de Letras, a Faculdade de Ciências Econômicas, a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, o Departamento de Ciência da Computação e a Escola de Belas Artes;
- no mundo empresarial, tivemos o apoio direto da SID Informática (cessão de computador), da Cedro Cachoeira (via Dr. Walden Camilo de Carvalho) e da Belgo Mineira Sistemas (via Dr. Estevam de Toledo), dentre outras.

Tais parcerias viabilizaram à EB/UFMG responder com sucesso o desafio de um programa complexo, seja pelo conteúdo programático, seja pelas relações de mercado.

Hoje percebo que a atitude de aprendizes diante do novo curso pluridisciplinar deu-nos flexibilidade e simplicidade para partilhar (receber e oferecer) competência com diferentes grupos profissionais e acadêmicos, bem como com nossos alunos (profissionais também experientes). Nova percepção da engenharia de construção do conhecimento, nova linguagem de comunicação e nova atitude de relacionamento universidade - empresa estavam começando na EB/UFMG.

### **d) Apoio institucional**

A dinâmica interna da profissão e do ambiente, entretanto, só ganharam força e apresentaram resultados positivos porque encontraram suporte, incentivo e liberdade para criação na diretoria da Escola, em que a liderança da Prof. Marília Júnia de Almeida Gardini (gestão 1987-91) oferecia o necessário encorajamento. A despeito dos recursos escassos, inicia-se, assim, o embrião de um laboratório de tecnologia da informação – LTI -, plataforma para a prática dos alunos. No ambiente da Pós-Graduação, o Colegiado era responsável, participativo e, após a difícil decisão inicial, assumiu com a Coordenação os riscos de inovar. A UFMG como um todo buscava novos caminhos, ampliava debates e intensificava diálogos com a comunidade científica internacional, o que facilitou conquistar também o apoio de sua alta administração.



## e) Filosofia pedagógica

Alguns princípios básicos fundamentaram o desenvolvimento do programa de GRI, a saber:

- Pluralismo: representado pela pluridisciplinaridade e pela multiplicidade de idéias aportadas pelos diferentes atores (discente, docente, parceiro externo). Dentro da perspectiva pós-moderna, propunha-se trabalhar as diferenças ambientais, ideológicas e conceituais, não se limitando o escopo do curso a uma única área de aplicação, mas, ao contrário, aceitando discutir ambientes políticos, industriais, comerciais, educacionais e outros, segundo a área de atuação dos alunos;
- Arte como facilitadora do pensamento divergente: uma linguagem artística seria parte integrante de cada módulo do programa, a fim de que suscitasse uma nova sensibilidade criativa e flexível às demandas de um processo experimental desafiador. Esperava-se que a criação de uma atmosfera lúdica facilitasse ao gestor de informação, em sua prática construtiva, visualizar novas facetas do objeto de análise (essência da atividade estratégica);
- Semiótica como instrumento de leitura do mundo: princípios teóricos e prática semiótica ajudariam nas atividades de análise crítica e interpretação textual e intertextual;
- Participação ativa dos alunos: alta valorização da competência e da experiência dos alunos, pois cada um deles, tendo uma formação acadêmica específica e advindo de diferente setor profissional, terá diferente percepção e aplicação para os conteúdos do curso.

### A título de conclusão

Os conflitos trabalhados ao longo da experiência de criação e implementação do Curso de GRI evidenciaram, para os atores daquela experiência, as contradições da área de conhecimento, da profissão e da própria EB/UFMG. Do embate de forças políticas passou-se ao debate gerador de conhecimento e transformador de mentalidades, com o prenúncio de uma nova ordem na formação do profissional e no espaço da prática.

A partir do ambiente da EB/UFMG, irradiou-se o novo conceito (GRI) que logo atingiria os meios acadêmicos e profissionais da biblioteconomia/ciência da informação e de áreas contíguas (especialmente administração e informática). Tendo a experiência aqui relatada como motor causal, muitas transformações se desencadearam ao longo da década de 90 no país. Assim, a abordagem estratégica da gestão da informação é incorporada nos temários de congressos e seminários, da mesma forma que - sob diferentes denominações (GRI, gestão da informação, gestão de tecnologia da informação, análise de negócios, inteligência e outros) e em diferentes níveis (graduação, aperfeiçoamento, especialização, MBA, mestrado) - é absorvida tanto pelos cursos de biblioteconomia/ciência da informação quanto por cursos de administração, informática e engenharia da produção. Na EB/UFMG, onde tais incorporações curriculares na graduação e mestrado foram imediatas (1990), cria-se,

posteriormente, um núcleo de prestação de serviço de capacitação, tendo o escopo do curso se ajustado aos objetivos do mesmo, para atendimento à clientela industrial. A segunda fase do Curso e a atuação do Núcleo como consolidador da relação da EB/UFMG com o mercado são objeto de análise de outro artigo do presente fascículo.

Muito além da formação de um novo profissional, pode-se dizer que a maior contribuição da experiência de criação do Curso de GRI - pioneiro na América Latina e terceiro no mundo - foi o rompimento de paradigmas: o suporte documental sai definitivamente do foco, que é ocupado pelo conteúdo; a estratégia precede a operação que, por sua vez, incorpora todas as tecnologias e suportes sem distinção de valor enquanto potencial de solução de problema e inteligência; a informação e a tecnologia - conteúdo e meio - passam a ser geridas como faces da mesma moeda e, assim, se disseminam os LTIs nas escolas, como suporte essencial na formação dos profissionais da informação. Parte do mesmo processo, com as brechas abertas no velho tecido profissional pelo intercâmbio de áreas, a biblioteconomia se renova, seu espaço de atuação se amplia e se energiza com a ocupação partilhada do espaço empresarial altamente competitivo. O paternalismo corporativista dá lugar ao mérito pela qualidade, como antevisão da sociedade da informação que hoje transforma a realidade no grande e mágico ciberespaço - atraente, porém ainda muito desigual.

A consciência do valor de uma experiência transformadora só nos faz mais responsáveis diante dos novos desafios que aí estão colocados pela nova economia: comodização da informação, tecnologia da informação como instrumento de desigualdade social, valores humanos do convívio social suplantados pela comunicação virtual e muitos outros. A mesma tecnologia que discrimina e subjuga tem o potencial para socializar e humanizar: depende de nós, e os estrategistas (gestores de informação, agentes de inteligência, gestores do conhecimento etc.) têm especial responsabilidade nesse direcionamento político. A sociedade brasileira espera que nos próximos 50 anos a EB/UFMG - continuando sua vocação de luta e vanguarda e apoiada por seus aliados - dê novas respostas satisfatórias a essas questões.

***Strategic studies in information: revisiting an experience at the School of Library Science of the Federal University of Minas Gerais***

*A retrospect on the experience of the School of Library Science of Federal University of Minas Gerais, Brazil (now School of Information Science) in the field of strategic management of information. Goes through the presentation of some causal factors of its positive results within and outside the UFMG environment. Suggests the initial program of IRM, in 1990, was the turning point in the education of the new information professionals in Brazil.*

